

Idéia de prévia surgiu há um ano e, desde então, cresce na sombra

Movimento alimenta-se do desgaste de Lula e de sua indefinição a respeito da candidatura

WILSON TOSTA

RIO – O movimento que propõe submeter a quarta candidatura consecutiva de Luiz Inácio Lula da Silva a uma prévia dentro do partido nasceu na “esquerda” petista há um ano e, desde então, cresce na sombra. Um dos seus combustíveis foi a eleição presidencial de 1998, na qual Lula permitiu que o atual prefeito eleito de Porto Alegre, Tarso Genro, articulasse sua candidatura. Mas, em seguida, Lula resolveu entrar na disputa. A movimentação cresceu no 2.º Congresso Nacional do PT, em 1999. Agora, alimenta-se da indefinição de Lula sobre a candidatura em 2002.

Para o deputado Milton Temer (RJ), o processo de 1998 foi muito malconduzido. “Tarso era potencialmente forte e, pela forma equivocada como o processo foi conduzido, só se recuperou no plano nacional nesta eleição”, disse o petista. “Podíamos, por causa dele, ter cometido um ‘politicídio’.”

Segundo Temer, o debate sobre as prévias só existe porque Lula não define logo se aceita concorrer a mais uma eleição. Para ele, se o presidente de honra do PT disser que vai ser candidato, não haverá eleição interna porque

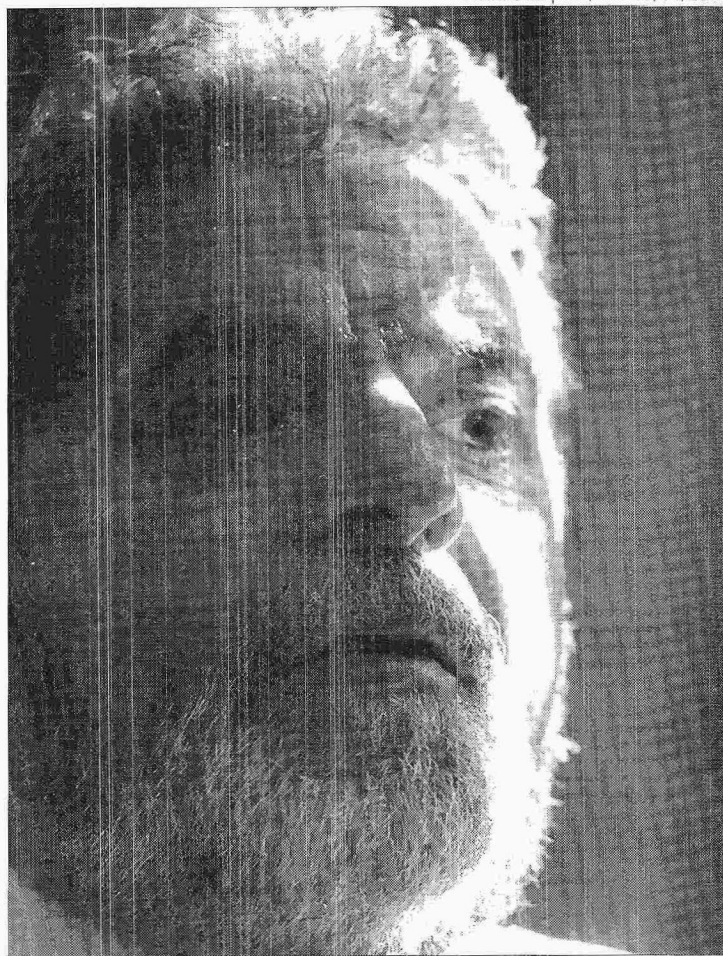
ninguém disputará com ele. No caso de haver concorrente, devem prevalecer as prévias.

O próprio desgaste do líder petista, que aumentou após disputas internas, como a intervenção no PT fluminense em 1998, fez crescer a contestação. No Congresso de 1999, uma das propostas votadas – rejeitada por ampla maioria – foi a de que Lula não fosse mais “presidente de honra” do PT. O objetivo de levá-lo a pedir o voto dos militantes e filiados é mais um passo na tentativa de desmistificá-lo internamente.

Debate – “Decidimos fazer Lula disputar internamente a candidatura para obrigá-lo a realizar o debate. Cada vez mais, ele vai se comportando como dono do partido”, disse, sob condição de anonimato, um dos participantes das discussões de 1999. Ele admitiu, no entanto, que Lula dificilmente perderia a prévia interna. “Algumas coisas foram sendo retiradas do programa do partido ao longo dos anos, como as questões do aborto e da dívida externa, sem discussão.”

O fato novo este ano foi a entrada em cena de expoentes do campo moderado e majoritário ao lado dos que defendem, ou pelo menos admi-

TEMOR É DE QUE DISPUTA DIVIDA PARTIDO



Se Lula concorrer, já tem adversário: o senador Eduardo Suplicy

tem, a possibilidade de realização de prévias para escolher o candidato a presidente da República. A vice-governadora do Rio, Benedita da Silva, da Articulação, é uma delas. “Não é nenhum bicho-de-sete-cabeças”, afirma, referindo-se à proposta com naturalidade.

Benedita ressalta que o estatuto do PT determina a rea-

lização de eleições prévias quando há mais de um pré-candidato a um cargo majoritário entre os petistas. “É assunto superado.” A vice-governadora, no entanto, considera prematura a discussão sobre as eleições presidenciais de 2002.

O presidente do PT fluminense, deputado Carlos Santana, tem argumento parecido com o de Benedita. “Se tiver mais de um candidato, tem de ter prévia”, declara. Ele afirma que no PT, atualmente, Lula é o nome mais

forte e não vê problema numa disputa do presidente de honra do partido com o senador Eduardo Suplicy (PT).

O deputado anima-se com a perspectiva de um debate que sirva para mobilizar os militantes, mas, “escaldado” pela experiência do Rio, que se dividiu em 2000 após uma prévia entre Vladimir Palmeira e Benedita, disse que a disputa “não pode gerar divisões”.

Jogo de cena – É esse risco que faz o prefeito eleito do Recife, João Paulo Lima e Silva, dizer que, em princípio, não se opõe a prévias. “O que acho é que a direção nacional do partido tem de tratar isso com bastante maturidade”, explica. “É preciso saber o seguinte: a prévia vai somar ou dividir? Se uma prévia vier e quem for o perdedor não assumir a outra proposta, isso será jogo de cena.” Ele lembra que em sua cidade se recusou a participar de prévia.

Outro que acha que a eleição interna pode rachar o PT é o vereador carioca Adilson Pires, um dos líderes do grupo Campo de Ação Popular (moderado). “Ela sempre acaba favorecendo um tipo de divisão”, declara.

Pires afirma que a proposta “não foi uma idéia feliz de Lula” e acha que ela se alimenta tanto dos insatisfeitos com a possível repetição de uma candidatura do presidente de honra como dele próprio. “Lula acha que ganharia as prévias de forma consagradora e mostraria que seu nome une o PT. Mas com qualquer resultado existe o risco de divisão.”